

JORNAL

CULTURA VIVA NITERÓI

Comunicação popular: um direito que garante outros direitos



Nº 01
DEZEMBRO / 25

ACESSE



www.bemtv.org.br



**CULTURA COMO DIREITO: LEONARDO GIORDANO
FALA SOBRE A POLÍTICA CULTURAL DE NITERÓI**

PÁG. 3

**VEJA ONDE ENCONTRAR
CADA PONTO**

PÁG. 12



Salve, Salve Ponteirada!

É com imensa satisfação que a BemTV, através do Pontão de Comunicação, lança este que é, talvez, o primeiro jornal impresso dedicado à Cultura Viva no Brasil. Nosso objetivo, aqui, é resguardar memórias e contribuir para que a potência da nossa rede e a história que nos sustenta cheguem a cada canto da cidade.

A Política Nacional de Cultura Viva (PNCV) não é um mero projeto, mas a consolidação de uma ideia revolucionária gestada no Brasil. Tudo começou em 2004, no primeiro Governo Lula, por iniciativa do então Ministro da Cultura, o mestre Gilberto Gil, e de seu secretário, Célio Turino. Eles organizaram a lógica confusa em vigor naquele momento a partir da seguinte questão: em vez de o Estado levar “cultura” a quem não tinha, a política decidiu reconhecer e financiar o que já fervilhava nas bases. A cultura, afinal, é um direito de cidadania e não um luxo. O Cultura Viva se propôs a injetar confiança e recursos nas iniciativas culturais contínuas que transformam seus territórios.

Esta é a nossa força: o Ponto de Cultura, que não é um prédio, mas sim o agente de transformação – o grupo de teatro, a roda de capoeira, a associação de artesanato – que já trabalha em sua comunidade. O Estado apenas potencializa essa

energia. Para que esses milhares de Pontos não fiquem isolados, existem os Pontões de Cultura, que atuam como articuladores, garantindo a gestão, a formação e a circulação de saberes em rede. Aqui em Niterói somos fortes, organizados e unidos no Fórum Municipal de Pontos e Pontões de Cultura.

A BemTV, por exemplo, é o Pontão de Comunicação, focada em articular a mídia e as narrativas da base; o Campus Avançado atua como Pontão de Gestão, organizando e capacitando a administração das políticas culturais; e o Pontão Gingas se concentra na acessibilidade, garantindo que o fazer cultural seja inclusivo a todos.

Não por acaso, Niterói reconheceu a importância desse movimento e, em 2018, institucionalizou a Lei Cultura Viva Municipal. Esse ato crucial transformou a política em algo perene, blindando-a contra mudanças de gestão e assegurando o fomento contínuo à nossa rede. O ato de você estar lendo este jornal, impresso e distribuído gratuitamente, é uma prova de que a cultura de base comunitária está viva, organizada e pronta para contar sua própria história. Niterói não está apenas alinhada à política nacional; ela se tornou um farol de como a gestão compartilhada pode funcionar.



Você sabe o que é uma TEIA?

No âmbito da Política Nacional de Cultura Viva (PNCV), o termo TEIA se refere aos encontros presenciais e as redes de articulação essenciais para o funcionamento da rede. A TEIA não é apenas uma reunião, mas uma estratégia de gestão compartilhada que conecta os Pontos de Cultura – os grupos de base da sociedade civil – a outros agentes e gestores públicos. Seu principal objetivo é fortalecer a PNCV, garantindo a troca de experiências, o debate de propostas e a integração entre os fazedores de cultura. Essas articulações ocorrem em diferentes escalas: as Micro Teias, realizadas em nível municipal para construir as bases locais, e as Teias regionais ou estaduais, destinadas a consolidar as propostas e integrar a rede nacional. Em Niterói, realizamos 13 “Micro Teias” em 2025. Preparamos de forma potente e coletiva as bases para a “Teia Municipal” que será realizada em 2026, solidificando a participação da sociedade civil na gestão cultural da cidade.

EX
PE
DI
EN
TE

Coordenação de Comunicação: Veronica Silva e Melissa Cannabrava

Revisão: Veronica Silva

Identidade visual: Ysis Policarpo

Diagramação: Viviana Assunção

Reportagem: Veronica Silva, Melissa Cannabrava e Rafaela Jordão

Coordenação Executiva: Paula Latgé, Ana Lúcia Nunes,
Carolina Rodriguez e Daniela Araujo

Coordenação do Pontão de Comunicação: Thaís Amaral

Equipe Pontão Vivo: Alex Martins, Júlia Maia e Larissa Moura

Endereço: Rua Doutor Cotrim da Silva, 04 Centro - Niterói, RJ. CEP 24020-330

Fale conosco: 21 3604-1500

Bem Tv

E-mail: bemtv@bemtv.org.br

Instagram: @bem.tv

YouTube: @CanalBemTv

Facebook: fb.com/bemtv.oficial

LinkedIn: bemtv-educacao-e-comunicacao

Impressão: Gráfica A Tribuna

Tiragem: 2.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | Niterói, 2025

REALIZAÇÃO



Bem Tv

PATROCÍNIO



PREFEITURA DE

Niterói

TEMPO DE AVANÇAR

SECRETARIA
MUNICIPAL
DAS CULTURAS

CULTURA É UM
DIREITO

Cultura como direito: Leonardo Giordano fala sobre a política cultural de Niterói

Autor da lei que instituiu o Cultura Viva na cidade, Leonardo Giordano conduz de perto a consolidação de uma política cultural marcada pela proposta de descentralização dos investimentos e pela valorização da diversidade.

“Na Secretaria das Culturas temos estruturado uma política consistente de descentralização dos investimentos. Niterói passou a investir milhões em editais públicos, com cotas de 50% – a maior do país. Os resultados são expressivos: quase metade dos projetos liderados por pessoas negras, mais da metade por mulheres e muitos vindos de áreas periféricas ou de tradições culturais historicamente atacadas. Esse processo também se traduz em novos equipamentos, como



FOTO DIVULGAÇÃO

o Centro Eco Cultural Sueli Pontes, inaugurado na Região Oceânica, e o Centro Cultural Cauby Peixoto”, recém inaugurado na Zona Norte, declara o atual secretário das culturas.

Quando perguntado sobre o papel dos pontos de cultura, Leonardo demonstra orgulho e afirma: “Os recursos destinados a eles vêm crescendo, com inovações como o Ponto de Cultura para Acessibilidade e a ampliação da rede.” A sustentabilidade do fazer cultural é uma pauta importante que transborda o Cultura Viva, a sazonalidade, ou seja, a falta de previsibilidade com relação ao investimento público via editais, preocupa proponentes que não sabem quanto será o próximo edital. A incerteza se agrava ainda mais devido ao

aumento crescente da relação candidato-vaga, gerando instabilidade no setor cultural. Ao ser perguntado sobre o calendário de editais do município de Niterói, Leonardo Giordano responde: “Niterói mantém a regularidade de editais municipais, mesmo após a Lei Aldir Blanc, o que é uma conquista. Editais como Teatro e Circo, Fomentação e Cultura e Território seguem em ciclos regulares. Não é possível calendarizar datas exatas porque os processos envolvem diferentes órgãos da administração, mas a continuidade está garantida.”

“A gente precisa cada vez mais consolidar a Cultura como um Direito. (...) isso não é só um slogan”. Encerra o secretário. Veja entrevista completa no site da BemTV.

CONHEÇA OS PONTOS

Quilombo do Grotão: resistência e ancestralidade no Engenho do Mato

Com mais de 70 anos de história, o Quilombo do Grotão é território de cultivo de tradições afro brasileiras

Com mais de 70 anos de história, o Quilombo do Grotão é um dos territórios mais emblemáticos de resistência e ancestralidade afro-brasileira em Niterói. Localizado no bairro do Engenho do Mato, o quilombo tem origem na trajetória de Maria Vicência e Manoel Bonfim, descendentes de pessoas escravizadas de Sergipe, que chegaram à antiga Fazenda Engenho do Mato. Após a falência da fazenda, o casal

recebeu parte da terra como indenização, marco inicial da ocupação quilombola.

Na década de 1950, com o avanço da especulação imobiliária, e a partir de 1991, com a criação do Parque Estadual da Serra da Tiririca, a comunidade enfrentou novos desafios para garantir sua permanência. Em 2003, os moradores, liderados por José Renato Gomes da Costa, o Renatão, neto de Maria Vicência e Manoel, se mobilizaram e fundaram a As-



FOTO ALEX MARTINS

sociação das Comunidades Tradicionais do Engenho do Mato (ACOTEM), fortale-

cendo a representação política do quilombo frente às ameaças de remoção.

Reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2016 e como Ponto de Cultura em 2023, o Quilombo do Grotão é hoje um espaço de memória, ancestralidade e mobilização coletiva. Quem sobe a Serra da Tiririca encontra capoeira, artesanato, rodas de samba, feijoadas comunitárias, visitas escolares e oficinas formativas sobre a cultura afro-brasileira. Em cada uma delas, a comunidade compartilha sua história, vivência e modos de relação com a terra, cuidando, preservando e ensinando que o quilombo é, antes de tudo, uma forma de existir e resistir. “É manter toda tradição que nossos ancestrais faziam. É passar a cultura afro-brasileira, fazer o povo negro acreditar na ancestralidade”, diz Renatão, fundador do espaço.

FOTO ALEX MARTINS



Garra de Ouro mantém viva a tradição do samba no Largo da Batalha

Reconhecida como Ponto de Cultura, a escola reafirma o carnaval como expressão de identidade e resistência comunitária

A Garra de Ouro, fundada em 2003, na comunidade da Garganta, surgiu da vontade de manter vivo o samba no Largo da Batalha e garantir às novas gerações o acesso à cultura popular de Niterói. No bairro, marcado pela presença de blocos e rodas de samba, Sidnei dos Santos, Presidente-Fundador da escola, hoje com 61 anos, decidiu reagir à ausência de desfiles nos anos 1990 e organizar o carnaval junto à vizinhança.

A mobilização transformou o carnaval em espaço de convivência e valorização da memória local, reafirmando o direito à cultura e à ocupação dos espaços públicos. O primeiro desfile, em 2004, marcou a retomada de uma tradição e o início de uma trajetória construída a muitas mãos.

Desde então, a trajetória da Garra de Ouro tem o objetivo de evidenciar temas do cotidiano da população, com destaque na história do povo negro, suas comunidades, tradições, ancestralidade e história. Desde o início, a escola desenvolve enredos que reforçam a represen-

tatividade negra em todas as áreas da cultura e das artes, destacando figuras como Luiz Gama, Heitor dos Prazeres e Tia Ciata, e, mais recentemente, homenageando as escritoras negras brasileiras em 2020. O desfile contou com a presença de Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz, Lia Vieira e Débora Moreno, e reforçou o papel do samba como espaço de afirmação cultural, memória e vivência coletiva no território.

Primeira escola de samba a se tornar Ponto de Cultura, em 2020, a Garra de Ouro amplia sua função social oferecendo atividades culturais formativas dentro de escolas públicas, mantendo viva a ideia de que cultura é também educação e cidadania.

Para o Presidente, o caminho é seguir com o mesmo espírito que deu origem à escola: “A Garra de Ouro é símbolo de orgulho para Niterói, exemplo de resistência comunitária e a prova de que o samba, quando cultivado como projeto coletivo, se transforma em instrumento de identidade, dignidade e esperança”, disse.

Orquestra da Grota forma gerações e reafirma o papel da arte na transformação social

FOTO ALEX MARTINS



A iniciativa da Grota mantém viva a potência coletiva das periferias por meio da música

De seis crianças reunidas em uma pequena sala improvisada, a Orquestra cresceu até se transformar em referência cultural em Niterói, formando músicos, professores e agentes culturais. Hoje, o projeto é símbolo de resistência e de afirmação do direito à cultura e à arte como caminhos de transformação social. A história começou na década de 1980, quando a professora Otávia Paes Selles oferecia reforço escolar para crianças da comunidade da Grota do Surucucu. Em 1995, ela pediu ao filho, Márcio Selles, que incluísse aulas de música. Assim nasceram as primeiras classes de flauta doce e violino. Após o falecimento de Otávia, em 1998, Márcio e sua esposa, a musicista Lenora Mendes, assumiram a continuidade de um projeto que, há três décadas, transforma a realidade local por meio da arte e do trabalho coletivo.

Com aulas gratuitas do universo musical, a Orquestra mantém laços profundos com a comunidade, em parceria com escolas e organizações locais. O foco é formar sujeitos crí-

ticos e criativos, reafirmando a música como prática educativa e cultural. Reconhecida como Ponto de Cultura desde 2009, a Orquestra da Grota integra a Rede Cultura Viva de Niterói, fortalecendo a articulação entre arte, território e políticas públicas. Sua atuação reafirma o papel estratégico dos Pontos de Cultura na manutenção de espaços comunitários autônomos.

Na Grota do Surucucu, a Orquestra se afirma como território de criação coletiva, onde a música e a educação circulam como direito e prática comunitária. Os ensaios e instrumentos que ecoam pelas vielas da Grota rompem estereótipos e reafirmam que a favela também produz arte erudita, pensamento crítico e excelência. Muitos dos jovens formados no projeto voltam como professores, perpetuando um ciclo de formação que é também de autonomia e pertencimento. Essa dinâmica revela uma pedagogia de base comunitária, onde o conhecimento circula e se multiplica, um gesto político que transforma o lugar em referência e resistência. “A música tem o poder de romper legados e abrir caminhos. É isso que nos move todos os dias”, resume Lenora, Diretora de Educação e Cultura do Espaço Cultural da Grota, regente do Conjunto de flautas da Grota, coordenadora do Som Doce da Grota e coordenadora do Ponto de Cultura.

Sociedade Fluminense de Fotografia e a preservação da memória cultural em Niterói

A SFF une tradição e inovação na difusão da fotografia como arte, conhecimento e expressão social



FOTO ACERVO SFF

Fundada em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, por Jayme Moreira de Luna, a Sociedade Fluminense de Fotografia (SFF) surgiu na Avenida Sete de Setembro, em Niterói, a partir do encontro de entusiastas que buscavam promover a

prática e o estudo da fotografia. Desde então, mantém-se ativa na formação de novos profissionais e na difusão de saberes relacionados à arte e à cultura visual.

A sede da SFF, o primeiro edifício projetado no Brasil especificamente para a fotogra-

fia, ocupa 1800 metros com galerias, laboratórios, salas de aula, estúdios e um acervo histórico. Ao longo da história, a instituição se consolidou como referência na transmissão de conhecimentos técnicos e teóricos, de cursos sobre fundamentos da fotografia à histó-

ria da arte fotográfica, passando por oficinas de laboratório analógico e práticas de campo.

Reconhecida como Ponto de Cultura desde 2018, a SFF integra uma rede que conecta experiências e saberes de diferentes territórios. Essa articulação fortalece iniciativas comunitárias na valorização da diversidade, da memória e do acesso à cultura, reafirmando a fotografia como bem comum e instrumento de cidadania. Como Ponto de Cultura, a SFF realiza ações que aproximam o público do universo da imagem e da documentação histórica.

A SFF mantém sua vitalidade ao unir tradição e reinvenção. Para além da técnica, a fotografia é usada para preservar memórias, provocar re-

flexão e inspirar novos modos de olhar o mundo. Nesse caminho, a instituição reafirma seu compromisso de disseminar conhecimento, estimular a produção artística e fortalecer o diálogo com a cultura contemporânea. Como diz Antônio Machado, presidente da instituição, a contribuição da sociedade é resultado de um trabalho contínuo e coletivo: “Uma contribuição de 80 anos, ininterruptos, sempre com exposições regulares, exposições coletivas, exposições individuais, palestras, encontros, pesquisas na nossa biblioteca, pesquisas no nosso acervo histórico, e principalmente atividades quase todos os dias. Um ponto de encontro. Um ponto de cultura.”

Candongueiro reafirma o samba de terreiro como herança e formação cultural em Maria Paula

Reconhecido como Ponto de Cultura, o espaço mantém viva a tradição do samba e das expressões afro-brasileiras

Há mais de três décadas, o Candongueiro Casa de Samba e Cultura mantém viva a chama do samba de terreiro. Fundado em 1990 por Ílton Mendes e Hilda Bastos, no quintal da família, o espaço surgiu de rodas com amigos e compositores e logo se tornou um dos principais pontos de referência do samba raiz no estado. Por lá, já passaram nomes como Zé Ketí, Aldir Blanc, Arlindo

Cruz e Beth Carvalho, compondo uma memória afetiva e coletiva que atravessa gerações.

Mais do que preservar o samba, o Candongueiro o vive como fundamento da cultura popular e da identidade negra no Rio de Janeiro. Patrimônio Cultural Imaterial de Niterói e Ponto de Cultura desde 2019, o espaço oferece oficinas do universo do samba, formando novas gerações e reafirmando seu papel de território de resistência e convivência comunitária.



FOTO ACERVO CANDONGUEIRO

O próprio nome remete ao tambor ancestral do jongo, instrumento de origem africana que, com seu toque, chamava o povo para se reunir e celebrar.

Mas o Candongueiro é também um espaço político, no sentido mais profundo da palavra.

Ao reunir músicos, artistas e comunidades, faz da arte uma forma de incidência e defesa do direito à cultura. Em tempos de transformações do samba e mercantilização das tradições, o espaço segue afirmando o valor da memória, da oralidade e da

coletividade frente às lógicas do mercado e do esquecimento. Como Ponto de Cultura, o espaço reafirma a importância da formação e da coletividade na construção de uma política cultural que parte dos territórios.

Para Ivan Mendes, filho dos fundadores, atual coordenador cultural e diretor artístico, a missão é clara: “manter a chama do samba de terreiro como matriz do Rio de Janeiro e aproximar os jovens dessa história”. Nesse caminho, o Candongueiro reafirma que o samba não é apenas ritmo: é modo de vida, expressão política e herança viva das lutas negras que sustentam a cultura brasileira.

BemTV fortalece redes de comunicação popular em Niterói

Pontão de Comunicação reafirma o direito à comunicação como eixo da cidadania e da cultura comunitária

A comunicação é um direito que garante outros direitos. A partir desta visão de mundo, a BemTV – Educação e Comunicação mobiliza centenas de jovens de comunidades e periferias a se tornarem autores de suas histórias e comunicadores populares em suas comunidades. Para Daniela Araújo, ex-aluna da organização que hoje compõe a coordenação da instituição, contar a própria história é um ato de resistência e valorização das culturas populares e identidades coletivas.

É nesse contexto de afirmação positiva e valorização das memórias, saberes e fazeres locais que a BemTV surgiu e onde se posiciona como Pontão de Comunicação. A organização, responsável pela formação de uma nova geração de jovens comunicadores, investe nas novas gerações para narrar o presente, honrar o passado e, o mais importante, moldar o futuro da representação de seus territórios.

Fundada no início dos anos 1990 por um grupo de estudantes, a BemTV consolidou-se como uma das principais referências em comunicação e educação popular da região metropolitana do Rio. Desde então, tem contribuído para a formação crítica de jovens e para a construção de novas narrativas sobre as periferias. Sua atuação une comunicação, cultura e direitos huma-



FOTO JULIA MAIA

nos, fortalecendo o papel político da juventude e ampliando o acesso a espaços de expressão e cidadania.

Em 2017, foi reconhecida como Ponto de Cultura, reafirmando a importância das iniciativas comunitárias na preservação das memórias e manifestações culturais dos territórios. Dois anos depois, a BemTV passou a ser também Pontão de Comunicação, ampliando sua atuação para articular e fortalecer redes culturais em Niterói. O objetivo é garantir que coletivos culturais e jovens comunicadores possam narrar suas histórias com autonomia, legitimidade e potência política.

A comunicação popular tem papel estratégico no fortalecimento dos

Pontos e Pontões de Cultura na Rede Cultura Viva. “A BemTV já realizou formações presenciais e online, criou uma agência para capacitar jovens ligados aos Pontos de Cultura e conta com uma equipe de jovens comunicadores produzindo um jornal, vídeos institucionais e cobrindo as microteias. Hoje, nosso foco é analisar o trabalho desenvolvido pelos Pontos de Cultura e fortalecer a comunicação como eixo fundamental para ampliar sua visibilidade dentro e fora dos territórios, além de consolidar sua atuação em rede e valorizar suas iniciativas culturais”, diz Thaís Amaral, coordenadora do Pontão de Comunicação.

Campus A aposta na cultura prática de tra

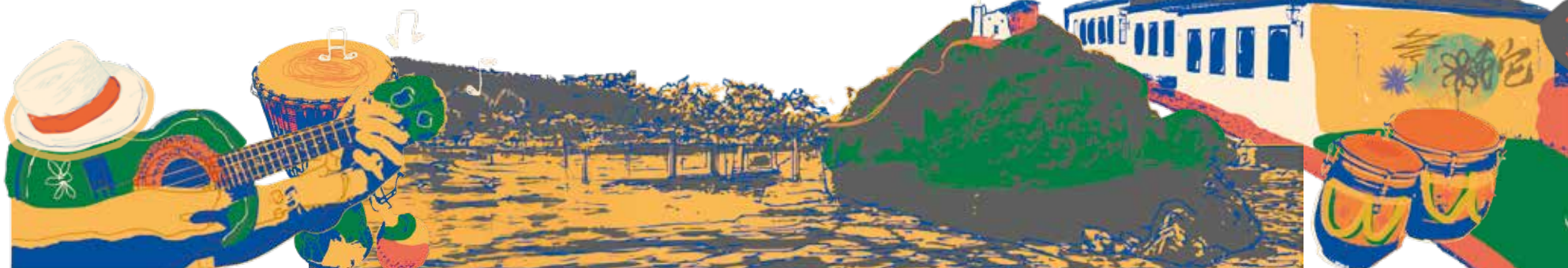
Pontão de Gestão a articulação de agentes o transformações a

Sediado no Caminho Niemeyer, o Campus Avançado é um espaço de referência em gestão cultural e transformação social. Desde sua fundação, em 2000, o projeto atua na articulação entre arte, cidadania e políticas públicas, promovendo formação, produção e troca de saberes entre gestores e fazedores de cultura.

Ao longo de mais de duas décadas, o Campus participou ativamente da consolidação das políticas de Cultura Viva no Brasil, tornando-se um dos pioneiros na implantação de Pontos e Pontões de Cultura no estado do Rio de Janeiro. Essa trajetória resultou na criação do Pontão Gestão Viva, iniciativa voltada a acompanhar, orientar e fortalecer os Pontos de Cultura de Niterói.

O trabalho envolve formação técnica e política, apoio à gestão e promoção de espaços coletivos de diálogo, como o Fórum dos Pontos e Pontões de Cultura e as Microteias Municipais. Essas ações fortalecem a rede e ajudam a aprimorar os instrumentos públicos de fomento e gestão cultural.

O Campus parte do entendimento de que a cultura depende de políticas e ferramentas de gestão pública para cumprir plenamente seu papel social. E esse papel vai muito além da ideia de entretenimento ou de simples ocupação do tempo livre. A cultura transforma porque amplia horizontes, oferece novas possibilidades e afirma o direito de todos à expressão e à criação.



Avançado Cultura como Transformação

atua na formação e
culturais que constroem
partir do território

FOTO AVIGDOR MIRANDA



Com essa visão, o Campus Avançado se consolida como um espaço de experimentação e aprendizado contínuo, onde gestão e arte se unem para garantir que a cultura siga sendo um campo de liberdade, invenção e transformação social. “A Cultura é uma poderosa ferramenta de transformação social. Seu papel transformador se dá basicamente a partir da ampliação do horizonte de possibilidades, oferecendo alternativas que podem funcionar como transporte para mobilidade social”, diz Davy Alexandrisky, secretário executivo e fundador do Campus.

Din Down Down afirma a acessibilidade como direito e transforma a roda em espaço de igualdade

O Pontão de Acessibilidade consolida a cultura como campo de inclusão e participação cidadã em Niterói

FOTO ALEX MARTINS



No som do berimbau, os corpos se reconhecem. É ali, no movimento, que nasce o que o Instituto Gingas mais acredita: toda pessoa tem o direito de ocupar o espaço da roda. Fundado em 2003, o instituto vem derrubando barreiras e afirmando a capoeira como instrumento de inclusão, cidadania e transformação social. Dentro dele, o Din Down Down, reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial de Niterói, amplia esse propósito, unindo arte, acessibilidade e protagonismo de pessoas com deficiência.

Fundado pelo professor David Nascimento Bassous, o Mestre Bujão, o Din Down Down é mais que um projeto: é um movimento político e cultural que desafia padrões e amplia o conceito de acessibilidade. “Na roda, não existe hierarquia imposta pela sociedade. Existe troca, escuta e reconhecimento. Cada pessoa é parte fundamental do coletivo”, afirma o mestre.

Presente em 16 escolas públicas, a iniciativa integra o Instituto Gingas e a Apae de Niterói. Em 2024, o reconhecimento como primeiro Pontão de Acessibilidade no âmbito municipal consolidou uma trajetória construída pela luta de quem entende que acessibilidade é direito. O título reforça o papel do projeto na democratização da cultura e no fortalecimento das políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência. “O carinho, a evolução e as conquistas

dos nossos alunos e da comunidade são o combustível que nos motiva a seguir em frente e superar qualquer obstáculo”, afirma Mestre Bujão.

O projeto ampliou suas ações e hoje atua também em municípios como Duque de Caxias, Saquarema e Cachoeiras de Macacu, levando sua proposta de arte inclusiva a novos territórios. O método desenvolvido por Bujão tem como base dois pilares: potência e afeto. Não são as limitações que ditam o ritmo da roda, mas as possibilidades de cada corpo. “Já vimos autistas não verbais começarem a can-

tar, pessoas com deficiência intelectual ganharem autonomia e autoestima. Isso é a arte agindo como catalisadora da expressão e da liberdade”, explica.

A acessibilidade é o eixo que atravessa toda a atuação do Pontão. As peças de comunicação contam com Libras e audiodescrição, e as formações são voltadas a profissionais e comunidades que buscam compreender a inclusão como prática cotidiana. O objetivo é garantir que cada corpo possa viver a cultura em sua plenitude, não ajustado a um padrão, mas reconhecido em sua singularidade.



Maloca Cultural fortalece a arte e a convivência comunitária em Niterói

Espaço no Morro do Preventório é referência em diversidade e resistência cultural

A Maloca, localizada na subida da Rua 14 de Abril, no Morro do Preventório, em Niterói, é há décadas um dos principais pontos de convivência e expressão cultural da cidade. Surgido onde antes havia um rancho de pescadores e marisqueiros, o espaço foi transformado em bar por Seu Murilo e, posteriormente, em restaurante por Domingas e Antônio, tornando-se um símbolo da mobilização comunitária e da força da cultura popular do território.



FOTO ALEX MARTINS

Durante a pandemia, o espaço se reinventou, consolidando-se como centro cultural e Ponto de Cultura, abrindo novas frentes de diálogo com a cidade. Atualmente, a sua coordenação é compartilhada entre Marcos Rodrigo, responsável pela área de alimentação, e Ismael Ferreira, gestor do ponto de cultura, ambos filhos dos fundadores. A gestão institucional é liderada pela Associação para o Desenvolvimento Solidário do Preventório, co-dirigida por Maria Hosana, também dirigente do Banco do Preventório.

A Maloca Cultural mantém uma programação plural, com oficinas de instrumentos musicais, percussão e dança, além de eventos como o Sarau da Maloca, Slam da Ponte pra Cá, Feira Rota Roots, Jam do Mato à Maloca, Antifa Fest, Black Charme Niterói, Batida de Bloco, Bem Viver e Roda de Ragga, iniciativas que utilizam a arte como instrumento

de mobilização social e fortalecimento comunitário.

Reconhecida como Ponto de Cultura desde 2020, a Maloca integra a Rede Cultura Viva de Niterói, reafirmando a relevância das políticas públicas de base comunitária. Sua trajetória de resistência, mesmo quando há descontinuidade de investimentos, evidencia a potência dos espaços culturais surgidos nas periferias e sustentados pela coletividade.

Mais do que um centro cultural, a Maloca é um espaço de oportunidades e circulação de saberes, onde crianças, jovens e artistas encontram um ambiente de criação, pertencimento e formação cidadã. Como define Marcos Rodrigo, “a Maloca representa parte do pensamento cultural do Preventório e um olhar periférico sobre Niterói, fortalecendo as culturas e acolhendo as demandas comunitárias de cultura”.

Instituto Mestríssimo Zezeu: capoeira e ancestralidade na formação cidadã em Niterói

Com 30 anos de trajetória, o Instituto transforma a capoeira em instrumento de educação, identidade e resistência, fortalecendo vínculos comunitários e o direito à cultura

Elizeu Felipe, o Mestre Zezeu, transformou sua trajetória em missão coletiva. À frente do Instituto Mestríssimo Zezeu Capoeira Estilo Livre, ele consolidou a capoeira como ferramenta de educação, cultura, acolhimento e mobilização social. Mais do que gingado e música, a capoeira



FOTO ALEX MARTINS

é vivida como prática de cidadania, respeito, igualdade e ancestralidade, um espaço de fortalecimento cultural e social em Niterói.

O Instituto atua na formação de crianças, adolescentes e adultos, oferecendo aulas de capoeira e atividades que dialogam com temas como racismo, negritude, bullying e direitos humanos. O conceito “Capoeira Estilo Livre” defende a pluralidade, em que cada praticante constrói e expressa seu estilo dentro da roda, sem restrições de gênero, raça ou orientação. Ponto de Cultura desde 2019, o Instituto articula sua atuação à base comunitária, fortalecendo espaços autônomos e a garantia do direito à cultura.

Ao longo de três décadas, o Instituto promoveu festivais e encontros que se

tornaram referência, como o Festival Mama África, o Festival Interbairros e o Estadual Infantil de Capoeira. Parcerias com escolas, projetos sociais e espaços culturais ampliam o alcance das ações, levando oficinas, rodas de conversa e apresentações para diferentes territórios.

Para o presidente fundador, a capoeira vai além da prática física: é instrumento de educação, cultura e pertencimento. “É um legado que ultrapassa as fronteiras da cidade, se firmando como patrimônio vivo da cultura afro-brasileira e como um espaço onde cada ginga se transforma em possibilidade de futuro”, pontua.

CEABIR afirma a luta antirracista e o protagonismo das mulheres negras na Engenhoca

Reconhecido como Ponto de Cultura, o centro atua há mais de três décadas na educação popular, no combate ao racismo e na defesa da democracia religiosa

Fundado em 1989, por Genilda Maria da Penha, o Centro de Estudos Afro-Brasileiro Iro-nides Rodrigues (CEABIR) nasceu do impacto de uma chacina na favela da Coreia, em Niterói, transformando a dor coletiva diante da violência racial que atravessa o país em ação. Dirigido por mulheres negras, o espaço se consolidou como território de educação popular, cultura e afirmação identitária no bairro da Engenhoca, em Niterói.

O CEABIR reafirma a centralidade da cultura negra na formação cidadã. A prática educativa do centro parte do



FOTO ACERVO CEABIR

princípio de que educar é também um ato político: é resgatar saberes ancestrais, preser-

var tradições e reconhecer o protagonismo da juventude, das mulheres e do povo negro.

O trabalho com crianças e adolescentes das comunidades do entorno da Engenhoca reforça esse compromisso, promovendo atividades de reforço escolar, letramento e vivências de jongo. O jongo é tratado como linguagem ancestral de resistência e ferramenta pedagógica, que conecta gerações e reafirma o pertencimento à cultura afro-brasileira.

Reconhecido como Ponto de Cultura desde 2019, o CEABIR integra a Rede Cultura Viva de Niterói e fortalece uma política de base comunitária que garante autonomia e sustentabilidade às iniciativas culturais nos territórios.

Ao longo de sua trajetória, o centro se consolidou como referência na luta contra o racismo religioso e na valorização das expressões de matriz africana. Cada ação reafirma que a cultura é também um campo de resistência, e que o terreiro é um espaço de direitos, fé e democracia. “O fato de sermos um Ponto de Cultura fortalece nossa visibilidade e o sentido do trabalho que já é contínuo. O recurso contribui pra dar mais qualidade ao que fazemos, mas o essencial é esse reconhecimento comunitário”, afirma Ana Bartira, coordenadora de projetos do CEABIR.

Império de Araribóia reafirma o carnaval como expressão de identidade e resistência comunitária

A escola de samba atua na valorização das tradições populares no bairro São Lourenço

A história da agremiação começou em 2008, ainda como o bloco carnavalesco Araribloco, nas escadarias da Igreja de São Lourenço dos Índios. Em 2010, tornou-se escola de samba, adotando o nome que homenageia o cacique Araribóia, fundador de Niterói e símbolo de resistência indígena. Desde então, a escola se consolidou como re-



FOTO ACERVO IMPÉRIO DE ARARIBÓIA

ferência cultural no município, articulando tradição, inovação e engajamento popular.

Mais do que desfilar, a Império de Araribóia existe porque a comunidade se organiza

em torno do carnaval. Suas oficinas gratuitas de samba no pé, percussão e adereços criam espaços de aprendizado, convivência e memória, onde o samba é ferramenta de educação e

pertencimento.

Em 2023, a criação do Centro Cultural Império de Araribóia marcou um novo momento na história da escola. Construído coletivamente, o espaço se firmou como instrumento de incidência e autonomia cultural no território. Localizado na comunidade de São Lourenço, atende também as favelas da Boa Vista do Sabão, abrigando oficinas, ensaios e atividades formativas que conectam gerações e fortalecem o direito à cultura como prática cotidiana. Ali, crianças e jovens encontram na arte um caminho de expressão e pertencimento, reafirmando que a cultura de base comunitária é também uma forma de disputar narrativas e produzir futuro.

Reconhecida como Ponto de Cultura em 2025, a Império de Araribóia integra a Rede Cultura Viva de Niterói e reafirma o papel das escolas de samba como espaços de criação, formação e resistência cultural nos territórios populares. Como destaca Marcelo Fernandes, tesoureiro da escola, o trabalho vai além do carnaval: “Estimular a cultura popular nas periferias é o principal papel de uma escola de samba. Por meio de suas atividades culturais, a escola desperta o orgulho pelas raízes, preserva as tradições afro-brasileiras e promove a inclusão social. Assim, contribui para a formação de jovens conscientes, criativos e comprometidos com a valorização de sua comunidade e da cultura popular.”

Magnólia Brasil afirma o carnaval como força coletiva e identidade popular

Escola transforma o fazer carnavalesco em instrumento de criação, mobilização e resistência comunitária no Fonseca



FOTO ALEX MARTINS

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Magnólia Brasil surgiu em 2008, quando um grupo de amigos decidiu organizar um bloco de bairro para fortalecer o carnaval local. O nome vem da rua onde o grupo nasceu, e carrega o sentido de pertencimento que marca sua história: a Magnólia é fruto do território que a formou. Inspirado no Monobloco e sustentado por

campanhas comunitárias, o grupo comprou os primeiros instrumentos e iniciou uma trajetória que uniu arte, mobilização e trabalho coletivo.

Em 2012, o então Magbloco estreou como escola de samba, desfilando com um enredo sobre Casimiro de Abreu. Dois anos depois, passou a integrar o grupo especial do carnaval de Niterói. Desde então, tornou-se referência na cidade por pautar a

valorização da cultura popular e do samba como expressão política.

Reconhecida como Ponto de Cultura desde 2025, a Magnólia Brasil atua de forma permanente no território, promovendo oficinas, ações formativas e atividades culturais abertas à comunidade, entre elas, de cavaquinho, capoeira e percussão. Os eventos acontecem na rua onde a escola nasceu, que se trans-

forma em ponto de encontro: a bandeira da Magnólia se estende no chão, as crianças brincam, as famílias compartilham a feijoada e o samba ocupa o espaço público como celebração e direito. Essa experiência reafirma o carnaval como política cultural de base comunitária, fortalecendo vínculos e modos de viver o território.

Mais do que disputar títulos, a Magnólia reafirma o

carnaval como política cultural de base comunitária. Em cada ensaio, cortejo e oficina, a escola mostra que o fazer carnavalesco é também uma forma de organização social e construção de pertencimento. Como explica Renato Magnólia, Presidente da escola, “a gente vê as crianças brincando de carnaval o ano inteiro. A comunidade participa desse processo de montagem de um desfile, que dura um ano.”

Bloco Afro Cultural Olodumaré afirma a cultura negra como instrumento de dignidade e transformação na Ponta da Areia

O grupo mantém viva a tradição dos blocos afros e forma novas gerações por meio da música, da ancestralidade e da ação comunitária



FOTO ALEX MARTINS

O Bloco Afro Cultural Olodumaré é um dos mais antigos e importantes espaços de afirmação da cultura negra em Niterói. Criado em 13 de maio de 1985 por uma família baiana em Rocha Miranda, inspirado nos blocos afros de Salvador, o grupo nasceu como alternativa de lazer e cultura para pessoas negras discriminadas e excluídas de clubes e espaços formais.

Em Niterói, onde atua há 37 anos, o Olodumare consolidou-se como referência de identidade, memória e formação. Mantém atividades contínuas de música e percussão, especialmente por meio do OloduMirim, que envolve crianças e jovens em oficinas voltadas à valorização da cultura afro-brasileira e à construção de autoestima e pertencimento.

Reconhecido como Ponto de Cultura desde 2017, o bloco mantém sua atuação de for-

ma autônoma e comunitária. A participação em editais públicos, como a Lei Aldir Blanc, tem sido essencial para sustentar as atividades, mas é o trabalho coletivo e o compromisso da comunidade que garantem a continuidade do projeto.

O Olodumare reafirma, há quatro décadas, que o tambor é ferramenta de educação, mobilização e transformação social. Sua história se entrelaça à luta pela preservação da memória afrodescendente e pela efetivação do direito à cultura em Niterói. Como explica Walmir Dias, o BJB, presidente da instituição, a arte é também um ato político: “Ainda temos uma longa estrada a percorrer, pois o racismo continua presente. Usamos a arte, a cultura e a música como ferramentas de enfrentamento, sem medo e com orgulho de ser negro, estimulando a preservação da nossa história.”

Acadêmicos do Data Vênia Doutor transforma o samba em instrumento de inclusão e sustentabilidade

A escola afirma o carnaval como espaço de aprendizado, diversidade e transformação social

Fundada em 2016 por um grupo de advogados que se reunia para discutir política e temas da advocacia, a Acadêmicos do Data Vênia Doutor nasceu de uma roda de amigos e se tornou um bloco carnavalesco. Com o tempo, cresceu e se oficializou como escola de samba, afirmando o carnaval como espaço de formação, identidade e mobilização coletiva.

Durante a pandemia de Covid-19, diante do desempre-

go que atingiu ritmistas e mestres de bateria, o Data Vênia criou o projeto Ritmo & Samba – Percussão, com apoio de advogados e parceiros. A iniciativa garantiu a continuidade das atividades e o sustento de trabalhadores da cultura. Em 2023, já reconhecida como Ponto de Cultura de Niterói, a escola ampliou o projeto com oficinas de dança, passistas, mestre-sala e porta-bandeira, fortalecendo o papel formativo da instituição.

Hoje, o Data Vênia reu-

ne cerca de 160 alunos em oficinas de percussão e música abertas a diferentes faixas etárias e perfis. Crianças, jovens, idosos e pessoas com deficiência ou em situação de vulnerabilidade encontram ali espaço de convivência e aprendizado. A escola mantém 80 ritmistas próprios, muitos deles atuando profissionalmente na Sapucaí.

O Data Vênia reafirma o carnaval como espaço de transformação social e reconhecimento coletivo. Mais que fes-



FOTO ALEX MARTINS

ta, é território de aprendizado e afirmação de direitos, onde a arte expressa a dignidade do povo. Como define o coordenador Paulo Boia, o carnaval é uma válvula de escape e um ato

de transformação: “Quando um juiz veste sua capa, é visto como autoridade. Quando um folião veste a fantasia, ele também conquista respeito, pois entrega alegria e dignidade ao povo.”

FOTO ACERVO MIX URBANO



Mix Urbano fortalece a cultura comunitária na Zona Norte

Reconhecido como Ponto de Cultura, o coletivo atua na articulação de artistas e na valorização da produção cultural periférica em Santa Bárbara

O Mix Urbano surgiu do desejo de reforçar a cultura como campo de organização política e afirmação das periferias. Criado para apoiar artistas e iniciativas culturais independentes, o coletivo atua como articulador e produtor, oferecendo suporte técnico, promovendo eventos e ampliando o acesso à cultura na Zona Norte de Niterói. Fundado em 2015, consolidou-se como espaço de criação e circulação, onde a arte é instrumento de diálogo, formação e mobilização social.

Durante a pandemia, o coletivo evidenciou a força das redes comunitárias ao organizar arrecadações de alimentos e promover atividades culturais online, reafirmando a cultura como prática de cuidado e resistência. Reconhecido como Ponto de Cultura desde 2025, o Mix Urbano segue desenvolvendo ações na praça de Santa Bárbara, como a Roda Cultural, fortalecendo o vínculo com os moradores e mantendo viva a ocupação cultural do território.

O Mix Urbano segue ocupando praças e espaços públi-

cos, transformando a rua em território de criação e disputa por direitos. Ao afirmar o direito à cultura, o coletivo também reivindica o direito à cidade, o acesso, a circulação e o pertencimento nas periferias. Para Renan Victória, Presidente do projeto, essa atuação é política em sua essência: “Produzir cultura na zona norte de Niterói, em áreas periféricas, é uma forma de fazer política porque é reivindicatória, é de ocupação. Por pensar a ocupação, ela também se torna uma ferramenta de resistência.”

Pontos



Bloco Afro Cultural Olodumare
Quadra do Morro da Penha
(Quadra Poliesportiva
Moacir Barcelos de Souza):
Ladeira Major Rocha, s/nº)
Horto do Barreto:
Rua Dr. Luiz Palmier, s/nº - Niterói
@olodumare.official



Candongueiro
Casa de Samba e Cultura
Estrada Velha de Maricá, 1154,
Maria Paula - Niterói
@candongueiro.official



Centro de Estudo Afro-Brasileiro
Ironides Rodrigues - CEABIR
Rua Manoel Miranda Silva, 307,
Engenhoca - Niterói
@ceabir



Grêmio Recreativo Cultura
Escola de Samba Acadêmicos
do Data Vênia Doutor
Clube Fluminense:
Rua Xavier de Brito, 22 - Niterói
@academicosdataveniadoutor



Grêmio Recreativo e
Cultural Garra de Ouro
Travessa Capitão Jesus, 16,
Largo da Batalha - Niterói
@garradeouro



Grêmio Recreativo e Escola
de Samba Magnólia Brasil
Rua Magnólia Brasil, 120,
Fonseca - Niterói
@gresmagnoliabrasil



Grêmio Recreativo Escola de
Samba Império de Arariboia
Ladeira São Lourenço, 119, São
Lourenço - Niterói
@imperiodearariboia



Instituto Mestrissimo Zezeu
Capoeira Estilo Livre
Horto do Fonseca: Alameda São
Boaventura, 770, Fonseca - Niterói
Escola Pró-Criança: R. Prof. Lara
Vilela, 121, São Domingos - Niterói
@institutozezeucapoeira



Maloca Cultural
Rua 14 de abril, 27, Charitas/
Preventório - Niterói
@malocacult



Mix Urbano
Praça João Saldanha, Santa
Bárbara
@mix_urbano_



Orquestra da Grotta
Rua Vereador Otto Bastos, 23, São
Francisco - Niterói
@orquestradagrotta



Quilombo do Grotão
Sítio 77 - R. Maria Luiza Gomes da
Costa, Engenho do Mato - Niterói
@quilombodogrotao



Sociedade Fluminense De Fotografia
Rua Dr. Celestino, 115,
Centro - Niterói
@sociedadefluminensefotografia

eu
quero
muito+
cultura
viva
niterói

Pontões



Bem Tv - Pontão de
Comunicação
Rua Doutor Cotrim da Silva, 04,
Centro - Niterói
@bem.tv



Campus Avançado -
Pontão de Gestão
Rua Coronel Tamarindo, 61,
Gragoatá - Niterói.
@pontaogestaoivivaniteroi
@campusavancado



Din Down Down -
Pontão de Acessibilidade
Rua Fagundes Varela, 378,
Ingá - Niterói
@institutoingas

